7mo Congreso de Medio Ambiente
Actas 7mo Congreso de Medio Ambiente AUGM
22 al 24 de mayo de 2012. UNLP. La Plata Argentina

INTERFACES IMAGÉTICAS DAS SEQÜELAS DA MODERNIDADE EM JUNDIAÍ

Imagery effects of the consequences of modern times in Jundiai

Jairo Bastidas [a*], Solange Guimarães [b]

[a] Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro-SP, Av. 24-A, 1515 - Caixa Postal 178, CEP: 13506-900 - Rio Claro – São Paulo, Brasil. / Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade São Francisco. Itatiba-SP. R. Alexandre Rodrigues Barbosa No 45, CEP 05542-170, Itatiba–São Paulo, Brasil. jairobg@gmail.com

[b] Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro-SP, Av. 24-A, 1515 - Caixa Postal 178, CEP: 13506-900 - Rio Claro – São Paulo, Brasil. hadra@uol.com.br

*Autor para correspondência: +55 11 9484-0144 jairobg@gmail.com

Palavras chave: Imagem da cidade, Jundiaí, Lynch, Morfologia.

Keywords: Image of the city, Jundiaí, Lynch, Morphology.

Título abreviado: Imagens em Jundiaí

ABSTRACT

The apathy of the analysis of urban environments is the result of misunderstanding the city as a (set) whole where human action. This work explain about the image constitution of a median city in São Paulo´s state. The objective was to discover how a

specific group of students at the University, using to the recreations mind maps and perceptual tasks, can decode the characteristics of the downtown Jundiaí. Were applied individual tests (interviews and drawings) and group test, that showed the strength of the image of the Jundiaí´s Square and Church. The remaining set of public spaces and buildings appears diluted in the environmental awareness of the students. The answers explain the perception of these individuals have a strong syncretic filter. The compositions of the reality are far from the legibility and cohesion necessary for their understanding. In the interviews are focused insistently none spatial aspects of the bearing surface approaches. It is concluded that a group that owns the domain of spatial skills does not necessarily guarantee good performance. The results are intriguing because they reveal similar levels of environmental awareness to the common. It is believed that there are two large and prominent aspects that may explain the results: the first is a conspiracy of urban morphology with incipient pregnancy imagery, the urban center is highly permeated by features (diluted and explicit) aspects of the civilizing globalization of urban-architectural presence in the world and in Latin American cities. The second topic is about the appealing to the effects of overexposure to the activities developed in intra-household spaces (internet, etc..), upside down and the public space that leverages the experience and the expense of primary perceptual aspects. These items alert us to study the development of awareness and environmental education to the valuation of urban issues can surmount mismatches.

RESUMO

A apatia da análise dos ambientes urbanos é fruto da incompreensão da cidade como um conjunto onde a ação antrópica, nos tempos da globalização, se explicita de forma depredatória. O presente ensaio versa sobre a constituição imagética de uma cidade mediana do interior paulista. O objetivo principal é tentar desvendar como um grupo específico de alunos da Universidade, apelando às recriações de mapas mentais e tarefas perceptivas, consegue decodificar as características do centro de Jundiaí. Aplicaram-se testes individuais (entrevistas e desenhos) e grupais que evidenciaram a força imagética da Praça e Igreja de Jundiaí. O conjunto restante de espaços públicos e edificações aparece diluído e debelado à percepção dos estudantes. *Grosso modo* as respostas explicitam que a percepção destes indivíduos tem um filtro sincrético forte. As composições da realidade distam dos limiares da legibilidade e coesão necessários para sua compreensão. Nas entrevistas são focados com insistência aspectos a-espaciais que

não subsidiam ostentam abordagens superficiais. Conclui-se que um grupo que possui o domínio de habilidades espaciais não garante necessariamente bons desempenhos. Os resultados são intrigantes, pois explicitam níveis análogos de pessoas com percepção "normal". Acredita-se que existam duas vertentes amplas e mais proeminentes que possam explicar os resultados: a primeira é a conspiração de uma morfologia urbana com pregnância imagética incipiente, isto é, o centro urbano está altamente permeado por feições (diluídas e explicitas) dos aspectos civilizatórios da globalização urbano-arquitetônica presentes no mundo e nas cidades latino-americanas. Desta assertiva se desprende o segundo tópico que nos envereda pelos efeitos de uma superexposição às atividades desenvolvidas nos espaços intra-domiciliares (mídias, internet, etc.) às avessas do espaço público e que alavanca o detrimento da vivência e de aspectos perceptivos primários. Estes itens nos alertam para abordar estudos de educação ambiental voltados à questão urbana capazes de equacionar os descompassos salientados neste artigo.

INTRODUÇÃO

Todo território, urbano ou rural, possui características particulares e intrínsecas que possibilitam seu reconhecimento. Em maior ou menor grau, estas se explicitam na sua configuração espacial que facilita ou não sua apreensão. Isto é, a decodificação dos objetos dispostos no ambiente está atrelada a como as feições físicas destes respondem às expectativas de identificação e orientação das pessoas dentro de qualquer lugar.

O objetivo desta pesquisa é tentar desvendar como um grupo específico de alunos da Universidade consegue decodificar algumas partes da imagem do centro de Jundiaí. Trabalhou-se com a hipótese operacional de que grupos específicos com habilidades do ponto de vista espacial podem ter ou não resultados mais apurados na percepção do espaço urbano. Acredita-se que a formação profissional alinhada às questões estético-espaciais possui certa redundância nos processos decodificadores da imagem urbana.

MARCO TEÓRICO

No inicio do século XXI e finais do XX a imagem dos conglomerados urbanos está recebendo influência paulatina das cidades globalizadas. Este tipo de afetações provoca diversas fragilidades perceptivas decorrentes da deterioração e desarticulação das feições morfológicas. A conseqüência direta é a geração de quadros perceptivos fragmentados que incidem na imagem das cidades.

Para a abordagem deste assunto é necessário primeiro entender com funciona a apreensão das paisagens urbanas. Durante toda sua existência o indivíduo recebe diversos estímulos sensitivos. Inserido num contexto plural de imagens perceptivas advindas dos diferentes estímulos e atributos espaciais da cidade o sujeito seleciona deste leque de possibilidades as principais para a formação de imagens urbanas. Grosso modo estas informações subsidiarão suas principais expectativas e decisões no seu dia-a-dia.

Appleyard (1969) esclarece que existe uma classificação de 3 grupos de percepções que possibilitam a apreensão das paisagens citadinas que permitem o julgamento perante uma situação “x” ou “y”, a saber:

- Percepção operativa. Diz respeito aos recursos utilizados quando os sujeitos estão cientes de que seus deslocamentos estão balizados por marcos referenciais espalhados pelas cidades.
- Percepção de resposta. Neste tipo de percepção as imagens da cidade comparecem associadas a traços marcantes e/ou pouco convencionais com a finalidade de atingir os processos cognitivos imediatos.

- Percepção por dedução. Este tipo perceptivo está alicerçado em certo conhecimento espacial pregresso e é dedutivo por essência. Seu funcionamento está atrelado à extração de parâmetros comparativos.

Não obstante o primeiro tipo de percepção seja o mais utilizado na vida dos indivíduos é possível asseverar que os 3 tipos arrolados estão em constante ação e funcionam, em certos eventos, de modo sincrônico. Não é possível afirmar, por exemplo, que o cérebro simplesmente negligencia o funcionamento de um destes, pois no quotidiano face à necessidade e/ou adaptação eles permeiam nossas decisões. Dentre estas podemos referenciar a capacidade de orientação e identificação espacial.

Lynch, Cullen e Sauer e o desvendamento da imagem

O estudo da imagem das cidades diz respeito à evocação do espaço percebido, lugar ou edifício ausente, ou, que não se encontra mais fisicamente presente (Aumont, 1995), (Kolhsdorf, 1996). Essas sínteses imagéticas são de interesse espacial, pois revelam a legibilidade e capacidade de transmissão de informações que os lugares possuem no intuito de responder a certas expectativas sociais específicas dos sujeitos.

Uma mostra que evidencia o rumo dos precursores da área são os estudos desenvolvidos por três autores: Sauer (1925), Cullen (1983) e Lynch (1986), mencionados nesta ordem apenas por questões didáticas. Praticamente os três convergem em se aproximar de uma abordagem interacionista. Perspectiva semelhante aos estudos piagetianos que salientam que as relações homem-meio são construídas e recriadas pela sua associação constante. (Piaget, 1997)

A relação (construção recíproca) homem e entorno com todos seus matizes é condizente à condição física e social do espaço e compatível às expectativas de conhecimento do homem pelo lugar habitado. Esclarece-se que mesmo com imprevisibilidade das transformações dos lugares o homem não pode prescindir do convívio com suas paisagens próximas ou distantes. É nesta perspectiva que cada espacialidade e seus elementos ganham um significado particular.

As abordagens dos autores elencados sempre estiveram atreladas a seus dissímeis contextos. Isto é, foi um recorte temporal e espacial que suscitou diferentes questionamentos devido à descoberta de conflitos ou potencialidades. Estes possibilitaram reflexões e contestações que repercutiram no ambiento acadêmico e que inclusive por sua abrangência são estudados na atualidade.

Sauer e Cullem voltaram sua atenção para concepções antagônicas do ponto de vista da escala. Sauer trabalha com paisagens abertas (consideradas “paisagens naturais”)de certo modo menos restritas, enquanto a ênfase de Cullen é mais urbana e circunscreve suas análises de caráter visual à escala pontual urbana para a produção de cidades-paisagens.

Os pressupostos teóricos de Lynch (1986) reconciliaram estas duas visões com a finalidade de agir simultaneamente nestes planos de escala dissociados. Os preceitos lynchianos estão ancorados nas figuras da legibilidade (capacidade dos objetos dispostos no espaço de serem lidos adequadamente) e imaginabilidade (capacidade dos atributos dos lugares de serem lembrados) que podem subsidiar, tanto ao planejamento urbano quanto às questões edilícias dos conglomerados urbanos.

No que tange às questões perceptivas Lynch (1986) reconhece que a visão serial que, fornece um corpo à percepção espacial, introduzida por Cullen (1983) complementa os atributos passíveis de decodificação na cidade. Os preceitos lynchianos, de modo tangencial, também enfatizam a importância do movimento diuturno do pedestre no conhecimento da cidade. Entretanto, na sua teoria não transparece a implementação prática deste princípio.

Vale a pena enfatizar que a percepção do pedestre no espaço urbano está atrelada, a maioria das vezes, a seu deslocamento. Destarte, nunca presenciamos uma imagem estática, mas totalmente dinâmica e que se transforma de modo constante. Nesta perspectiva, Lynch esclarece que o pedestre vivencia os lugares quando realiza percursos de reconhecimento da cidade (Lynch, 1986).

Alguns teóricos se contrapõem ao entendimento do movimento pendular perceptivo de aproximações e afastamentos (sujeito/objetos) nas cidades que gera certa instabilidade e inconstância. Porém, segundo Arnheim (1986) vale a pena frisar que estamos perante um tipo de percepção espacial sui generis, diferente da apreciação de um quadro. Neste caso, a oscilação de visões seriais deve ser entendida como alavancadora de emoções e novas sensações na perspectiva do despertar do interesse visual.

A afinidade visual está plasmada nos elementos lynchianos que visam a recriação das feições mais relevantes com apelo estético, cultural, etc. Estes elementos possuem caráter único e os principais são: Marcos, pontos de encontro, caminhos, bairros, limites (Lynch, 1986). Estes em decorrência de sua pregnância imagética na memória das pessoas se tornam matéria bruta dos mapas mentais.

O papel dos Mapas mentais

A priori os conceitos elucidados por Sauer (1925) compactuam com as visões de Lynch e Cullen no sentido de considerar que várias percepções individuais comparecem para integrar uma visão "unificada" da paisagem. Contudo, é necessário elucidar que a assimilação perceptiva individual tem um diferencial, pois há também infindáveis peneiras que inibem a observação consensual dos quadros visuais e que é modificada pela interferência da variável do tempo.

O enigma no estudo da imagem das cidades é a existência de visões, em hipótese, divergentes quando consultados vários indivíduos. Nos processos perceptivos, a significação é o fio condutor das diferentes visões; graças a ela, a subjetividade se torna mais próxima da universalidade e assim os sujeitos coincidem em suas apreciações e identificações comuns.

Os mapas mentais são construções imagéticas de espacialidades conhecidas baseadas em fontes diretas ou indiretas elaboradas por sujeitos histórico-sociais que sintetizam os 5 elementos de Lynch. Estes mapas em forma de desenhos bidimensionais (existem tridimensionais) explicitam representações integradas da apreensão espacial e reúnem inclusive feições simbológicas (Lynch, 1986).

Embora a condição de subjetividade de interpretação transcenda até hoje e possa parecer restritiva os mapas são um dos instrumentos conhecidos para tentar o entendimento das interpretações perceptivas individuais ou grupais. Isto é, tentar que os participantes de

uma experiência tomem consciência da sua decodificação. Pelo geral esta representação prescinde de questões compositivas primárias associadas às proporções e escala.

É relevante enfatizar que os mapas mentais ao invés de ser meros instrumentos cartográficos revelam intenções, sentimentos, pensamentos, etc. tanto no campo real quanto no plano da imaginação (Oliveira, 2002). Deste ponto de vista se tornam em representações de comunicação de pensamentos passiveis de interpretação para melhoria da qualidade ambiental do espaço ou processos correlatos. Dentre estes últimos está inserida a Educação Ambiental no sentido do conhecimento dos lugares.

METODO

É preciso salientar que o aspecto visual dos núcleos urbanos, principalmente na era do desenvolvimento, não cessa de ser transformado de modo indiscriminado. Pretende-se abordar como as nuances arquitetônicas, quando não dispostas com clareza, influenciam na legibilidade das partes da cidade e, em decorrência, as propriedades perceptivas visuais.

A imagem objetivo deste trabalho tem um caráter versátil que visa decodificar os atributos físicos mais pregnantes de Jundiaí. Estes flashes imagéticos são permeados não apenas pela peculiaridade de cada participante e seus filtros sócio-culturais, mas de algum modo, pela incidência em fase de aprimoramento da habilidade de observação oriunda da formação de arquiteto.

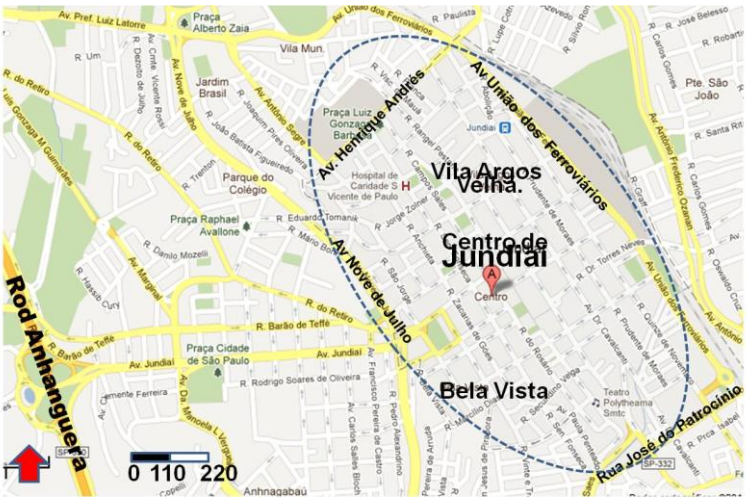
Acredita-se que as noções qualitativas são adequadas para avaliar as configurações espaciais e verificar como as expectativas sociais da leitura da paisagem são atendidas. Nesta pesquisa, destacaram-se as assertivas advindas das teorias de Lynch (1986) e Kohlsdorf (1996) no intuito de construir um método aplicável a estudos similares, em outros contextos, que permita decifrar que grau de aprofundamento imagético possui uma cidade. O quadro teórico proposto baliza coordenadas voltadas a uma pesquisa com viés empírico, focada no desempenho morfológico da cidade de Jundiaí.

A história da cidade de Jundiaí se remonta ao ano de 1615 quando os primeiros colonizadores chegaram à região. Durante os séculos XVII, XVIII e início do XIX, a economia da cidade esteve restrita à exploração do primeiro setor, em especial, pequenas lavouras de subsistência. Este panorama foi revertido com os processos advindos da produção cafeeira que alavancou o crescimento e progresso da cidade. Outros fatores que incidiram no desenvolvimento da cidade foram à inserção da ferrovia e as indústrias. Segundo o IBGE a população de Jundiaí ascendia em 2010 a aproximadamente 370251 de habitantes.

Local

Para tornar mais compreensível e universal a leitura urbana de Jundiaí foi estabelecido um recorte espacial. Escolheu-se o centro da cidade que possui uma constituição num grau alto de consolidação, tanto do ponto de vista arquitetônico, quanto de usos e serviços. É um centro urbano altamente utilizado pelos pedestres e onde comparecem diluída e explicitamente os aspectos civilizatórios da atualidade (globalização, homeogeneidade, tratamento superficial do conjunto, etc.) que estão presentes nas cidades latino-americanas.

Segundo a Prefeitura Municipal de Jundiaí a área de abrangência do centro expandido está delimitada assim: no sentido nordeste pela Av União do Ferroviários, pelo sudeste Av Nove de Julho; sentido noroeste pela Av. Henrique Andrés e em sentido contraposto a esta última a Rua Jose do Patrocínio. A área possui aproximadamente 100 quarteirões e compreende os setores da Vila Argos Velha, Bela Vista e o Centro.



Fonte: Adaptado pelos autores a partir do software livre GMapCatcher, em jan. 2012.

Figura 1. Recorte cartográfico centro Jundiaí.

Figure 1. The mapping center cut Jundiaí.

Sujeitos

Escolheu-se uma amostra de alunos do quarto semestre do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade São Francisco. A esta altura este grupo evidencia um domínio das representações projetivas e euclidianas indispensáveis na projetação espacial no supracitado curso. Em teoria, possuem uma percepção mais aguçada e desenvolvem representações em plantas e desenhos em perspectiva que se acredita auxiliam no entendimento espacial edilício e urbano.

O critério norteador para a escolha dos alunos correspondeu à assiduidade regular na disciplina de projeto de Urbanismo II. Conformou-se uma amostra total de 35 sujeitos. O grupo foi composto por 20 estudantes do gênero feminino e 6 do gênero masculino. As idades do grupo oscilam entre 18 até 28 anos. O grupo guarda uma característica unificadora quanto à moradia, pois a moram no eixo Jundiaí-Itatiba ou proximimidades. Esta última distinção permitiu estabelecer três sub-grupos que enfrentariam a tarefa de tentar decodificar o centro de Jundiaí. O primeiro sub-grupo está conformado por pessoas que moram em Jundiaí (4 estudantes); o segundo sub-grupo é das pessoas que não moram em Jundiaí, mas eventualmente já conhecem (19 estudantes) e o último sub-grupo corresponde aos que nunca visitaram Jundiaí (3 estudantes). A diferenciação de local de moradia vs. conhecimento do centro nos forneceu parâmetros comparativos de desempenho na avaliação do espaço.

Instrumentos

O estudo foi limitado à análise das relações projetivas e euclidianas nos níveis perceptivo e representativo subsidiadoras da construção de mapas mentais do centro e da distinção de alguns elementos lynchianos. Aplicou-se na totalidade do grupo 2 tarefas de reconstrução imagética, a saber:

- Entrevista semi-estruturada com tópicos diferenciados baseada em questionário aplicado por Lynch (1983).
- Representação bidimensional (desenhos).

O roteiro da entrevista foi flexível para ser adaptado à vivencia de cada estudante e facilitar a fluidez do seu discurso espacial (falado ou gráfico). A entrevista conteve 12

questões abertas e pretendia evocar ou instigar a verbalização de temas que explicitem seu pensamento sobre o centro estudado. Adicionalmente, tratou de questões pertinentes à percepção do espaço, procurando detectar os assuntos focalizados nas áreas de estudo e as características estruturantes da imagem da paisagem urbana. Por outro lado, das 12 perguntas duas dizem respeito à elaboração de desenhos. Os testes de representação bidimensional foram balizados por questões mais abertas e, ao mesmo tempo, mas restritas a um percurso delimitado do centro da cidade.

No intuito de entender os significados imagéticos da cidade e a construção espacial, a entrevista semi-estruturada e desenhos foram aplicados de forma individual "in loco". Num segundo momento, na sala de aula, foi solicitada uma tarefa grupal visando a síntese de cada um dos 3 sub-grupos em apenas uma representação do mapa mental do centro.

O ponto de encontro e de partida dos percursos de reconhecimento das pessoas foi a Igreja matriz de Jundiaí, considerado o principal marco urbano local e regional da cidade. Explicou-se sucintamente em que consistia a tarefa, sem necessariamente aprofundar nos detalhes da experiência. Esta sucinta explicação tornou-se necessária para não influenciar, nem direcionar a percepção dos indivíduos. Os alunos iniciaram o percurso escolhendo aleatoriamente um sentido para aprofundar no conhecimento daquela espacialidade. No retorno foi subministrado o questionário folhas de papel e lápis ou caneta.

As atividades individuais foram desenvolvidas num dia sábado ensolarado pela manhã. Não obstante, as atividades no tenham tido um tempo máximo para seu

desenvolvimento, em função da pressão do tempo, a realização do percurso e elaboração dos questionários e desenhos oscilou entre duas a duas horas e meia.

RESULTADOS

Após a coleta das informações, os resultados foram organizados da seguinte maneira em consonância com os objetivos do estudo. As entrevistas foram sistematizadas por assuntos relacionais de acordo às apreciações espaciais dos sujeitos. A metodologia baseou-se em análise de conteúdo, que utiliza procedimentos sistemáticos para a descrição, interpretação, síntese e inferências dos resultados (Berg, 1995).

Para as representações bidimensionais o critério de classificação estabelecido foi a comparação do modelo proposto com relação à realidade. Isto é, verificou-se: identificação dos marcos visuais e edifícios proeminentes, legibilidade da malha urbana, delimitação e subsetores, espaçamento interfigural, proporção dos elementos, composição, detalhamento, simetria, alturas, compatibilidade do percurso, etc.

Em ambas as tarefas, o intuito foi verificar o aparecimento de feições com a finalidade de analisar sua força imagética e, ao mesmo tempo, avaliar a influencia da aptidão projetual. É necessário salientar que a atividade grupal foi precedida de uma aula-seminário que abordou o livro “A Imagem da Cidade” de Kevin Lynch. Esta circunstancia podia explicitar algum tipo de aprimoramento maior nas seqüências apresentadas e/ou sedimentação dos conceitos trabalhados por este autor.

No intuito de aproximar visões perceptivas análogas tentou-se inicialmente classificar os questionários de acordo com os grupos propostos com antecedência (moradores de Jundiaí; pessoas que conhecem Jundiái, mas não moram na cidade e pessoas que não conhecem a cidade). Esta tentativa foi frustrada porque foram constados discursos que não diferiam de modo substancial. No nível representativo gráfico o procedimento sofreu uma problemática similar, assim foi estabelecida uma classificação balizada pelos 3 estágios de desenvolvimento piagetianos (Piaget, 1971).

Antes de explanar os resultados é importante esclarecer que a área estudada possui conteúdo visual aonde comparecem uma mistura de elementos topoceptivamente (atributos configuracionais para orientação e identificação) fortes e fracos. Esta condição é fundamental, pois mostra como as feições morfológicas dos lugares selecionados possuem índices reveladores de clareza ou confusão que deverião ser decodificados pelos participantes desta análise. A seguir serão aprofundados os resultados das entrevistas, desenhos (individuais e grupais).

Entrevistas

A tradução da linguagem falada em imagens espaciais é uma tarefa de alta complexidade que implica desdobramentos cognitivos entre a realidade-imagem e um discurso coerente. Estes depoimentos informais dos estudantes foram os primeiros esboços do entendimento particular da cidade.

Os discursos foram classificados em avaliações de uma questão pontual ou de natureza mais geral. Por mais paradoxal que possa parecer em múltiplas ocasiões obedecem a

visões ainda em construção, permeadas por traços sincréticos e pelo filtro da subjetividade cultural que envolve aos processos perceptivos primários.

O comportamento nos níveis global (o centro todo) e pontual (a praça, museu e a igreja matriz) não tem necessariamente distorções marcantes. Estas últimas são oriundas de que embora contemplemos um centro de uma cidade medianeira esta carrega feições de cidades globalizadas em franca expansão. Ou seja, contrastam informações secundárias pautadas pelo apelo comercial em detrimento dos atributos primários (edifícios). Neste caso a decodificação é mais complexa, pois a saturação das informações deturpa, negligencia e ofusca as fases das fachadas e sua organização.

Fonte: Adaptado pelos autores a partir do software livre GMapCatcher, em jan. 2012

Figura 2. Pontos importantes e ruas estruturadoras do centro da cidade.

Figure 2. Important points structuring and streets of the city center.

Elementos estruturadores da imagem como a Igreja e o Museu são constantemente reconhecidos, pois possuem pregnância e significado. Entretanto, é importante elucidar que os participantes têm dificuldade de lembrar os nomes das edificações e também do nome das ruas mais importantes, inclusive o calçadão comercial. É necessário afirmar que o discernimento espacial dos estudantes salienta o contraponto estabelecido por edificações antigas numa associação ao valor patrimonial arquitetônico.

Figura 3. Edificações com valor patrimonial

Figure 3. Buildings with heritage value

Os alunos não conseguem determinar de modo específico outros atributos espaciais para sua orientação. Os discursos estão mais balizados por respostas de caráter intuitivo que sujeitos com habilidades espaciais normais. Esta situação é intrigante, pois a ingerência dos princípios do urbanismo e da composição arquitetônica parecem fortuitos. Existe um sistema racional normalizante que trava sua percepção e induz às discrepâncias detectadas (Ostrower, 1993).

Nota-se que a percepção dos indivíduos entrevistados é limitada às feições de índole mediata, sendo que as feições mais valorizadas são derivadas da agradabilidade visual (Piaget, 1997; Vernon, 1967). Destarte, a tendência é enfatizar sua atenção nos elementos secundários ou de materiais contrastantes, desconsiderando aspectos visuais estruturais do conjunto (Arnheim, 2001). As respostas não estão atreladas a uma hierarquização dos objetos e/ou atividades.

Quanto às descrições dos lugares aparecem diversos elementos, inclusive seres animados. Grosso modo a percepção se limita a elencar elementos secundários, sem um aprimoramento na distinção urbana (Arnheim, 1986). Em alguns casos, tentam estabelecer outras relações e associações que subsidiam a tomada de consciência de atos perceptivos que desencadeiam outras descobertas. Neste caso é evidente que a reversibilidade do pensamento espacial está por trás deste tipo de comentários.

A relevância das entidades: estrutura vegetal, comércios e massa de pessoas negligencia a legibilidade relacionada especialmente à disposição dos edifícios, distinção de cores, percepção da irregularidade topográfica de alguns trechos da área, etc.

A influência exercida pelas atividades vinculadas às atividades lúdico-comerciais é proeminente, especificamente passeios e compras. A explicação destes discursos revela a necessidade dos sujeitos de processos socializatórios como interfase mediadora para atingir apenas vantagens de utilidade prática e não resolver questões de orientação espacial.

Pelas observações coletadas, o estado de conservação de prédios e os espaços livres possuem incidência na hora de proferir seus juízos espaciais. A beleza está associada à limpeza e cores dos edifícios ou objetos, enquanto que a sujeira para eles não é um problema funcional e sim representa uma contravenção estética. Ao mesmo tempo, são referenciadas questões de conforto ambiental e paginação de piso das calçadas.

Baseados neste primeiro instrumento é possível sugerir que a compreensão espacial dos estudantes de arquitetura está circunscrita a uma percepção e uns processos imagéticos dentro dos parâmetros da normalidade com relação a outros sujeitos sem habilidades espaciais (Vernon, 1967). Isto significa que prevaleceram dificuldades de legibilidade das informações recolhidas nos discursos, que não puderam ser compensados pela sua destreza particular. Estas tentaram ser confirmadas ou não apelando ao segundo instrumento de representação gráfica.

Desenhos

Os desenhos são um meio de representação bidimensional que encerra um significado profundo, resultado de um processo intricado de interpretação da realidade vivenciada e/ou percebida para apartir das imagens ser transcrito no papel. Como já foi mencionado nos desenhos dos participantes é possível evidenciar a construção paulatina espacial dos três estádios de desenvolvimento (básico, intermediário e alto) (Piaget, 1971). Na seqüência serão arroladas as principais feições destas representações.

Desenhos ordem individual

Nível Básico

A disposição dos elementos arquitetônicos apresenta diferentes modelos de organização: fortes concentrações, isolamento de edifícios e tentativas incipientes por distribuir os elementos ordenadamente. Estas configurações não são condizentes com uma estrutura geral harmônica e coesa, pois encontram-se grande quantidade de intervalos sem definição específica e, ao mesmo tempo, superdimensionamento de distâncias como, por exemplo, na caixa das ruas.

A estrutura viária ortogonal aparece totalmente definida. Isto é, existem incipientes deformações e/ou elementos atípicos inseridos nessa malha, porém seu dimensionamento, em especial, a caixa da rua e calçadas são exageradas (Kofka, 1953).

Os marcos visuais são alocados em consonância com a realidade. A hierarquia viária é inexistente e é dispensada a disposição dos caminhos de pedestres.

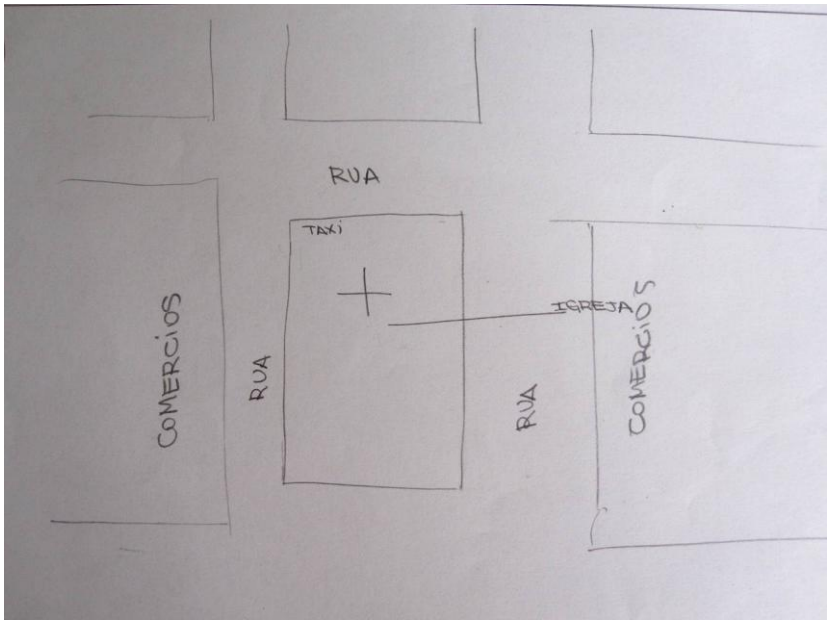


Figura 4. Nível baixo em desenho individual.

Figure 4. Low level in individual design.

Nível Intermediário

Constataram-se avanços significativos com relação ao nível anterior. A composição tornou-se mais objetiva no sentido de apenas comparecerem menos elementos. Contudo, ainda existem vestígios de surgimento de certos atributos inexistentes. É evidente que na composição do conjunto a compositiva ainda deixa entrever indefinição de proporções.

O esboço geral da estrutura viária está mais consolidado. Esta situação possibilita uma organização mais aprimorada que repercute na melhor disposição dos elementos em seu contorno. Os marcos visuais obedecem a uma lógica mais condizente com a realidade. Comentários aespacias ainda ficam em evidencia.

Os estudantes definiram seus desenhos sempre no sentido paisagem (horizontal) que tem correspondência com a tendência linear do centro de Jundiaí. Vale a apena elucidar que se em certos casos existe certo deslocamento composicional, mas este é insignificativo, pois não afeta a composição do conjunto.

A praça como elemento organizador é fundamental para todas as pessoas entrevistadas. Entretanto, a praça possui atributos morfológico fortes como a vegetação e o monumento que nem sempre são dispostos no espaço.

Nível Alto

Se comparados aos níveis anteriores os desenhos demonstram uma maturidade impar, mas não conseguem atingir uma síntese espacial total. A composição está próxima da relativa complexidade espacial do centro de Jundiaí. Prevalece uma ordem a partir da praça central que "recebe" e organiza os elementos adjacentes. O conjunto ganha destaque pelo uso de distâncias e proporções proporcionais.

A sedimentação do espaço estruturador fornece caminhos para o desvendamento da hierarquia viária e importância do pedestre na espacialidade. Não obstante a área considerada é ainda restrita é preciso anotar que as subáreas do centro aparecem definidas e os marcos visuais são localizados nas posições exatas A proximidade com a quantidade real de edificações e loteamento do centro induz a pensar que estes estudantes refletiram bastante para acertar sua disposição.

Neste sintético relato, com maior ou menor grau de precisão, observaram-se semelhanças aos vestígios do desenvolvimento psicogenético espacial abordado por Piaget. Alguns pontos podem ser considerados sobreposição entre níveis, pois algumas sutis diferenças podem ser subestimadas face à proximidade dos conjuntos analisados.

Vale a pena salientar que os indivíduos, com ressalvas rarefeitas, possuem uma concepção espacial restrita da área central de Jundiaí. Esta situação independe dos subgrupos estabelecidos. Para a maioria da amostra a área de abrangência do centro se circunscreve a 1 ou no Maximo 2 quadras de distância com relação à Praça Gov. Pedro de Toledo, onde esta implantada a Igreja Matriz. Verificou-se que apesar da média complexidade da área de estudo a construção perceptivo imagética dos lugares é difícil

e está plasmada em representações com coesão frágil. Estas situações suscitam questionamentos mais profundos que se acredita serão desvendados na análise dos desenhos grupais dos subgrupos supracitados.

Desenhos Ordem grupal

Nível básico

O processo construtivo do desenho coletivo revela uma forte tendência ao conjunto de mentes estarem atrelados a questões não apenas seqüenciais, mas incontestavelmente acumulativas que surgem a partir da experiência e aporte de cada sujeito. Neste sentido, a composição elaborada demonstra maior complexidade que a maioria dos trabalhos individuais.

Entretanto, os desenhos sugerem certo descompasso na explicitação das relações projetivas e euclidianas manifestadas na arbitrariedade de alguns trechos da composição. (Arnheim, 2001). Estes apenas ganham complexidade quando constatada a ingerência de uma discussão grupal. Isto é, as representações primárias em breve tornam-se mais conscientes do envolvimento dos objetos por outros elementos processo desencadeado pela peneira do descobrimento dos diferentes pontos de vista.

Nível médio

Constatou-se que, além dos elementos de interesse aespacial, comparecem também os elementos que possuem destaque morfológico na ordem pontual e global. A

preocupação visual da composição começa a ser recorrente na representação gráfica e seu nível de acabamento é maior. Portanto, além das proporções, comparece a designação dos lugares com seus respectivos. Esta situação assinala que a imagem é robustecida pela mediação do significado destas edificações. Isto é, objetiva-se o papel da linguagem no reforço da representação imagética. Em certas ocasiones, de modo esporádico existem sinais de contradição entre horizontal e vertical ou de representações bidimensionais com tridimensionais.

Nível alto

O domínio e sincronia das relações topológicas, projetivas e euclidianas criam um conjunto harmônico e consolidado (Arnheim, 2001). As representações são visivelmente mais depuradas não apenas do ponto de vista qualitativo, mas quantitativo.

Esta composição é possível graças à percepção globalizante dos vários pontos de vista complementares.

Neste nível reflete-se sobre a justaposição das percepções sincréticas com relação às totalizantes. Esta passagem apenas é possível face ao caráter analítico e comparativo, de antecipações e transposições, da visão total deixando os sujeitos em situação ativa na presença de quadros perceptivos.

Figura 5. Nível alto em desenho grupal.

Figure 5. High-level group in design.

A partir da análise dos desenhos individuais e grupais é possível inferir que a paisagem central da cidade de Jundiaí não tem uma unicidade imagética perante os estudantes. Pelo geral esta conclusão é recorrente no estudo de grupos específicos, porém, considera-se que existem certas proximidades nos elementos lynchianos com certas ressalvas salientadas ao longo do discurso.

Na verdade, esta consideração não refuta nada do que arquitetos e geógrafos já desvendaram em infindáveis ocasiões. Neste caso, o que provoca estupor é que as habilidades espaciais dos estudantes do curso de arquitetura e urbanismo não tenham incidido mais proeminentemente nas representações. Isto é, a nossa hipótese inicial foi desmentida e, portanto o próximo passo será tentar, no próximo item, explicar as possíveis explicações desta situação.

DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo identificar como é decodificada em imagem urbana a paisagem do centro de Jundiaí por estudantes do curso de arquitetura. A análise corroborou a formação seqüencial e integrativa do espaço, tanto das feições arquitetônicas, incluídos os elementos de Lynch, quanto de algumas questões aespaciais. Se estas feições não possuem legibilidade é porque estão subordinadas a algum entrave (físico, representativo, verbal ou cognitivo) que não permite sua explicitação.

Do ponto de vista morfológico, é possível asseverar que embora exista forte pregnância de elementos considerados como marcos visuais como a Igreja Matriz, o Museu Histórico e Cultural de Jundiaí ("o Solar do Barão") e a Praça Governador Pedro de Toledo na área central de Jundiaí existem feições físicas que tergiversam a clareza do conjunto.

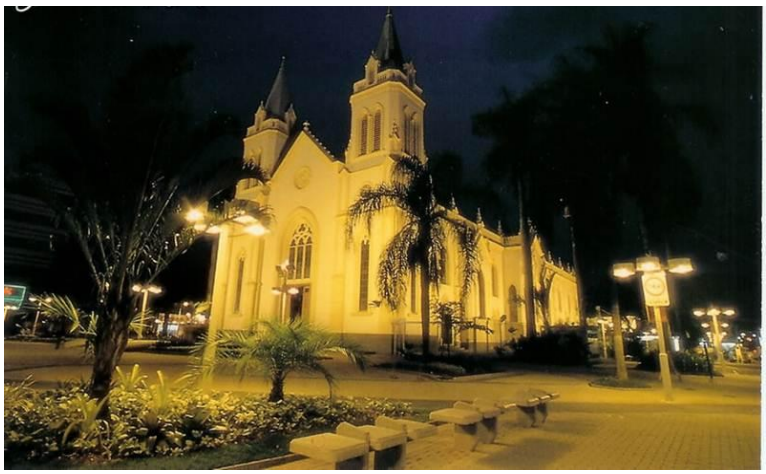


Figura 6. Catedral de Jundiai
Figure 6. Cathedral Jundiai

Figura 7. Museu Histórico e Cultural de Jundiaí
Figure 7. Historical Museum and Cultural Jundiaí

Estas últimas evidenciam configuracionalmente: excessiva repetição de elementos semelhantes e heterogêneos (prédios e árvores) e de suas relações (paralelismo, ortogonalismo, constância do espaçamento). Este tipo de atributos provoca na espacialidade central de Jundiaí falta de contraste e originalidade (leis semânticas) e deficiente tratamento dos fechamentos e agrupamentos por semelhança (leis da Gestalt). As informações oriundas do emparedamento, em hipótese favorável, produzido pelos planos das fachadas não subsidia a organização topológica do espaço. Isto é, a influência da proximidade destes planos trabalha em sentido inverso, pois parece induzir ao enfraquecimento perceptual face à saturação de informações comerciais que inibem sua legibilidade. Infere-se que o centro ponto de vista visual é caótico. Não apenas pela disposição dos cartazes e veículos publicitários despadronizados e dispostos, de modo aleatório, mas também pela interferência das árvores, fiações expostas e movimentação de pessoas que interrompem a visão dos pedestres.

Figura 8. Caos visual que deturpa a percepção espacial do centro.

Figure 8. Visual chaos that distorts the perception of the space center.

Se, por um lado, os entrevistados segregaram e decodificaram a correspondência biunívoca das duas fileiras ortogonais que organizam o centro e pelo qual foram feitos os percursos. Por outro, em nenhuma das tarefas propostas conseguem decodificar totalmente a malha do centro. O entendimento de certos trechos descontínuos perpendiculares às ruas estruturadoras do centro (R. Rangel Pestana, R. Barão de Jundiaí –possui um calçadão-, R do Rosário e R. Senador Fonseca – estas duas últimas ruas são mais calmas-) parece invisível. Esta descontinuidade perpassa este nível e afeta a proporção dos quarteirões que também possui deformações.

O gabarito existente da área objeto de estudo também foi desconsiderado pelos estudantes, as tentativas de decodificação de uma paisagem urbana próxima da

homogeneidade e com poucas oscilações são frustradas. As alturas independentemente da localidade de procedência parecem intangíveis e não incidem na paisagem urbana.

Verificou-se que a baixa representatividade da maioria das áreas adjacentes à Praça. Isto significa que algum processo cognitivo inibiu a expansão espacial nos desenhos da área central. As representações ficaram restritas a apenas no máximo a dois quarteirões. Na verdade o centro abrange uma área significativamente maior e que é facilmente legível face à movimentação dos fluxos de pedestres nos horários de expediente.

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que alguns princípios das malhas e fachadas são convergentes ao principio da simetria, que per se facilita esta leitura. Este ponto é fundamental, pois estamos lidando com pessoas que possuem habilidades espaciais específicas e estão inseridas numa cultura pautada pela simetria. Além disso, nas disciplinas projetuais, de modo frequente, os estudantes apelam a princípios simétricos para suas propostas arquitetônicas e urbanas.

Destarte, constatou-se o aparecimento de feições particulares “paralelas” no intuito de compensar limitações perceptivas e compositivas. Isto é, algum processo psicogenético obriga a continuar apelando aos processos que os indivíduos de percepção normal, ofuscando a legibilidade da morfologia real. Nesta instancia é possível asseverar não necessariamente na existência de um “vazio” cognitivo, mas na inclinação por desenvolver afinidades por padrões institucionalizados e até decorativos. Para Aumont (1995) e Bryant (1974), o cérebro prefere emitir algum juízo baseado na improvisação ou conhecimento pregresso do que não emitir uma resposta.

A incipiente força imagética de elementos induz a pensar no negligenciamento da orientação espacial. Esta situação provoca o desprovimento da capacidade de análise comparativa do espaço percebido e, portanto, a propensão fraca à desagregação das feições básicas do espaço. Neste contexto, os estudantes inclinam-se pelas feições mais fáceis e que estão sobrepostas às configuracionais e estéticas, isto é, às de interesse prático.

Uma descoberta importante é quanto à abordagem das proporções e escala urbana e edilícia. Percebe-se que existe a tendência de espaços locais –conhecidos- sejam valorizados dando passo a um hiperdimensionamento. Espaços que são pouco conhecidos podem denotar ameaça ou provocam mais respeito. Neste caso há uma associação de pouco acolhimento que pode ser explicitado em afastamento e/ou encolhimento espacial.

A proximidade entre locais distantes nos mapas mentais é uma feição corriqueira que também comparece nas representações. Este atributo evoca o anseio da pessoa achar que está perto de algum local com necessidade funcional. As deformações neste ponto são proeminentes, pois é possível verificar que a localização estratégica é uma feição que condiz com certas vantagens contrapostas à segregação.

Nesta perspectiva, é relevante afirmar que a cotidianidade com a ambiência central de Jundiaí somado ao enriquecimento advindo da mobilidade em outros contextos supõe, em hipótese, que quem mora há mais tempo na cidade possui a vantagem do seu conhecimento. Mas parece que este fator não propicia, nem alavanca favoravelmente a apreensão de composições espaciais por contato visual. Isto é, a afetação é de modo

neutro e estes indivíduos pela confiança no seu entendimento espacial mais aprimorado, negligenciam aspectos que parecem triviais.

Em contrapartida é relevante mencionar que os estudantes que conviveram de modo parcial ou pela primeira vez tiveram contato com o centro tiveram resultados surpreendentes. Uma tentativa de explicação nos envereda porque suas capacidades de orientação subjugam os percalços espaciais e são modificadas em função da necessidade de sobrevivência. Em face desta condição ressaltam atributos que pareciam óbvios para o outro grupo originário desta localidade.

Depois de discutir algumas feições morfológicas e imagéticas decorrentes desta pesquisa é necessário esclarecer que Lynch (1999) alude que a qualidade espacial de uma localidade é resultado de um processo bilateral decorrente, tanto da configuração do conjunto urbano arquitetônico, quanto da sociedade que nela convive. Tuan (1980) salienta que as relações topofílicas, entendimento dos vínculos de afinidade dos seres humanos com o meio ambiente material, são matéria prima para despertar sentimentos de afetividade. Estas duas visões são convergentes com processos de educação ambiental urbana para equacionar a ação antrópica em contextos urbanos.

O quadro apresentado é passível de ser revertido recorrendo a premissas no nível educativo para instigar sua ressignificação. Mas, é um tipo de educação que perpassa instrumentos como apenas a idealização de cartilhas didáticas e montagem histórias, roteiros turísticos, etc. São matérias, atividades e ações que suscitem no indivíduo a compreensão e estabelecimento de relações entre fatos e fenômenos do seu entorno urbano e social.

Um tipo de desdobramento neste sentido demonstraria inclusive a efetividade da criação de guias ou mapas alternativos à concepção tradicional. Isto na perspectiva de que as informações tenham caráter mais universalizante, isto é, que suas características sejam nítidas e facilmente decodificáveis por qualquer grupo. A identidade é uma construção, não se faz de forma unilateral, mas considerando a relação dialógica com os outros.

Neste ponto, também é possível inserir questões dos estudantes que dizem respeito às dimensões morfológicas da arquitetura e urbanismo. Isto é, apelar às respostas associadas que tem ênfase na consciência ou consideração ambiental derivada das preocupações com o conforto (visual, acústico, térmico) e também com a valoração do patrimônio arquitetônico que possui Jundiaí.

Transformar essas colocações atribuindo uma conotação de interesse nos processos educativos pode representar o ponto de diferença entre a continuidade do seu ocaso ou seu resgate. Porém, todas as anteriores iniciativas integradoras e participativas resultam inócuas sem a mediação e articulação de políticas públicas e institucionais de curto, médio e longo prazo.

CONCLUSÕES

Nesta pesquisa ficou evidente o distanciamento entre imagem e percepção. Lembre-se que a imagem considera quase todo o mundo visual, entretanto, a percepção se ocupa de campos visuais (topológicos e perceptivos) limitados e redutíveis (Vernon, 1967; Kolhsdorf, 1986). No caso do Centro de Jundiaí esta defasagem favorece

nitidamente à percepção porque as feições imagéticas não conseguem sua exteriorização nas tarefas aplicadas.

Destarte, o desenvolvimento desta abordagem negou o pressuposto que uma percepção espacial mais aguçada repercute de maneira cartesiana em representações satisfatórias. Vale apena mencionar que o raciocínio espacial dos estudantes parece obedecer a associações sincréticas. Assim, cenas urbanas isoladas podem ser pregnantes e a noção de lugar, de boa qualidade, sem estarem vinculadas, obrigatoriamente, à legibilidade da imagem da cidade.

Neste sentido, Lynch elucida que espacialidades com maior coesão perceptiva são as que provavelmente mais produzem imagens que perpassam os âmbitos da segurança física e emocional, afinidade e incentivo aos contatos humanos. E, em sentido contrário, imagens fracionadas da cidade geram sentido de apatia e debilitam a identificação, imaginabilidade e apropriação.

Embora existam pontos de vista controversos que defendem que a cidade se basta. Ou seja, apenas seria preciso de placas de informação e composição harmônica de cores quando é avaliado o caráter informativo das cidades é impreterível afirmar que a importância destes é relativa. As abordagens consolidadas sobre a imagem e aos processos perceptivos sugerem que os atributos configuracionais dos edifícios e objetos dispostos no espaço possuem um mais peso quando testadas tarefas com este escopo. E, com certeza, estes últimos são fortalecidos se permeados por processos educativos.

Finalmente é preciso elucidar que a modernidade e globalização trouxeram uma força negativadora da imagem real fornecendo passagem livre à introdução de uma imagem virtual. Neste contexto, alguns sujeitos estão subscritos à invasão de estereótipos estético arquitetônicos que não dizem respeito a alguma cidade ou lugar especifico, mas a todos e nenhum, ao mesmo tempo.

Acredita-se que parte da responsabilidade recai num repertório restrito unicamente aos espaços fechados (Shoppings, casas em condomínio, etc.) e utilização excessiva de algumas mídias (internet, tv, etc.) que juntas exercem uma influência contraproducente no imaginário. Cujo interesse é o declínio dos espaços públicos e da rua. Assim, os indivíduos não hesitam em exteriorizar o maior apego à velocidade das informações imediatas exacerbando o distanciamento das feiões físicas reais.

BIBLIOGRAFIA

- Appleyard D. 1969. Why buildings are known: A predictive tool for architects and planners. En: *Environment and Behavior*. Londres: Sage Publications, 1

- Arnheim R. 1986. *Arte e percepção visual*. Pioneira, São Paulo, Brasil: 583 p

- Arnheim R. 2001. *La forma visual de la arquitectura*. Gustavo Gili, Barcelona, España: 230 p

- Aumont J. 1995. *A imagem*. Papirus, Campinas, Brasil: 220 p
- Berg B. 1995. *Qualitative research methods for the social sciences.* Edit. Allyn and Bacon, Second edition, Needham Heights, USA.

- Cullen G. 1983. *Paisagem urbana (Townscape).* Edições 70, Lisboa, Portugal: 180 p

- Kofka K. 1953. *Principios de psicología de la forma*. Editorial Paidos, Buenos Aires, Argentina: 451 p

- Kohlsdorf, ME. 1996. *A apreensão da forma da cidade.* Editora Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. 165 p.

- Lynch K. 1986. *La imagen de la ciudad*. Gustavo Gili, Barcelona, España: 195 p

- Lynch K. 1999. *A Boa Forma da Cidade*. Edições 70, Lisboa, Portugal: 240 p

- Oliveira L. 2002. A percepção da qualidade ambiental. *Cadernos De Geografia*, PUC Minas, Belo Horizonte, 23 (18): 29-42

- Sauer C. 1925. The morphology of landscape. *Publications In Geography*, University of California, Califórnia: 2 (2): 19-54.

- Ostrower F. 1993. *Criatividade e processos de criação.* 9 ed. Vozes, Petrópolis, Brasil: 200 p

- Piaget J. 1971. *La epistemología del espacio*. Editorial El Ateneo, Buenos Aires, Argentina: 350 p

- Piaget J. 1997. *Seis estudos de psicologia*. Forense Universitária, Rio de Janeiro, Brasil: 140 p

- Tuan Y. 1980. *Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente.* Diefel–Difusão Editorial, Rio de Janeiro, Brasil: 216 p

- Vernon M. 1967. *Psicología de la percepción*. Ediciones Horme, Buenos Aires, Argentina: 186 p